

## DA APORIA SAUSSURIANA AO ALCANCE DO ESTRUTURALISMO: SIMULTANEIDADE, LINEARIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

## FROM THE SAUSSUREAN APORIA TO THE REACH OF STRUCTURALISM: SIMULTANEITY, LINEARITY AND THEIR DEVELOPMENTS

Thiago Barbosa Soares<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo realiza um recenseamento crítico da tensão constitutiva entre os princípios da simultaneidade e da linearidade do signo linguístico, tal como formulada por Ferdinand de Saussure no “Curso de Linguística Geral”. A análise percorre as contribuições teóricas de pensadores como Hjelmslev, Eco, Benveniste e Derrida, que problematizaram e reconfiguraram esta aporia fundamental. Argumenta-se que a aparente contradição não representa uma falha na teoria, mas sim o paradoxo fundador que impulsionou e estruturou o pensamento estruturalista. O artigo demonstra como essa tensão, longe de ser superada, foi radicalizada e reproblematisada, revelando-se produtiva ao permitir a transposição do modelo linguístico para outros campos das ciências humanas, como a antropologia de Lévi-Strauss e a psicanálise de Lacan, onde a busca por uma estrutura subjacente e simultânea visa dar sentido às manifestações lineares e diversas da experiência humana.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; Simultaneidade; Linearidade; Signo Linguístico; Estruturalismo.

**Abstract:** This article provides a critical survey of the constitutive tension between the principles of simultaneity and linearity of the linguistic sign, as formulated by Ferdinand de Saussure in the Course in General Linguistics. The analysis examines the theoretical contributions of thinkers such as Hjelmslev, Eco, Benveniste, and Derrida, who problematized and reconfigured this fundamental aporia. It is argued that the apparent contradiction does not represent a flaw in the theory, but rather the founding paradox that propelled and structured structuralist thought. The article demonstrates how this tension, far from being overcome, was radicalized and reproblematised, proving to be productive by allowing the transposition of the linguistic model to other fields in the humanities, such as Lévi-Strauss's anthropology and

---

<sup>1</sup> Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor adjunto no curso de Letras e no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Bolsista de produtividade do CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8919327601287308>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2887-1302>. Email: thiago.soares@mail.uft.edu.br.

Lacan's psychoanalysis, where the search for an underlying and simultaneous structure seeks to make sense of the linear and diverse manifestations of human experience.

**Keywords:** Ferdinand de Saussure; Simultaneity; Linearity; Linguistic Sign; Structuralism.

## Introdução

Publicado postumamente em 1916, o “Curso de Linguística Geral” consagrou Ferdinand de Saussure não apenas como um pensador seminal, mas como o arquiteto fundacional de toda a Linguística moderna. A obra, reunida a partir das notas de seus discípulos, constitui uma verdadeira carta de fundação de um novo campo epistemológico, instaurando conceitos, métodos e distinções que atravessariam o século XX e moldariam o modo como concebemos a linguagem. No âmago desse texto canônico, duas formulações, à primeira vista complementares, engendram uma tensão conceitual profunda, cuja reverberação tem desafiado, enriquecido e fecundado o pensamento linguístico até a contemporaneidade.

De um lado, a concepção do signo como uma entidade psíquica indivisível, na qual significante e significado coexistem numa simultaneidade constitutiva, formando as duas faces inseparáveis de uma mesma moeda mental. O signo, enquanto tal, não é uma justaposição contingente, mas a unidade irredutível que garante a possibilidade mesma da significação. De outro lado, a formulação do princípio da linearidade do significante, que inscreve a linguagem na dimensão temporal e lhe impõe o regime da sucessividade, da contiguidade e da ordem sequencial da cadeia falada. O signo, simultâneo em sua essência, só se efetiva mediante uma substância fônica que se desdobra no tempo, revelando uma discrepância entre a unidade sincrônica de sua definição e a diacronia inescapável de sua manifestação.

Essa coexistência paradoxal (a simultaneidade constitutiva do signo e a linearidade necessária de sua expressão) coloca em evidência uma questão filosófico-linguística fundamental: como pode uma entidade definida pela indivisão e pela concomitância interna projetar-se num meio que só admite a sucessão, o antes e o depois, a progressão de uma cadeia? Trata-se de uma verdadeira aporia teórica, que se abre tanto à crítica quanto à criatividade, permitindo leituras e reformulações que vão da estratificação estrutural às desconstruções mais radicais.

É precisamente nesse ponto de fricção que este artigo situa a sua investigação: ao recensear as contribuições de uma linhagem de pensadores, de Hjelmslev a Benveniste, de Jakobson e Barthes a Eco, Derrida e outros, que não se limitaram a assinalar a tensão entre simultaneidade e linearidade, mas a problematizar seus pressupostos, a reconfigurar suas implicações ou mesmo a subvertê-la, delineando assim os contornos de uma tradição interpretativa que busca desvendar os intrincados mecanismos que regem a vida dos signos e as formas pelas quais eles se materializam, se organizam e se transformam.

Com vistas à iluminação da questão envolvendo os princípios da simultaneidade e da linearidade do signo, arquitetados no “Curso de Linguística Geral” por Saussure e alguns de seus desdobramentos no estruturalismo, este artigo objetiva não apenas a um recenseamento de autores e suas ideias acerca de tal problemática, antes, propõe-se, em tom ensaístico, a uma validação dos elementos faltantes na teoria original por meio de uma eventual solução para tal aporia. Nesse direcionamento, este estudo vincula elementos de consolidação de investigações linguísticas para alcançar uma resposta satisfatória à contradição em questão. Por fim, verifica-se que, mesmo diante de um hiato que ainda ecoa, a fundamentação do estruturalismo não parece ter sido afetada, como explicita-se as considerações finais.

### **O problema no CLG: alguns de seus desdobramentos**

No CLG ecoa uma aporia filosófica clássica, enunciada por Heráclito: a do rio que não se pode atravessar duas vezes, pois novas águas correm sobre aquele que entra no mesmo rio (Heráclito, 2020, frag. 91). Tal como o rio, o signo saussuriano apresenta uma identidade estável e reconhecível, a sua forma mental simultânea, mas só se atualiza na corrente linear e irrepelível da fala, onde cada enunciação é um evento único, um novo “fluxo” de significantes. Esta contradição entre a permanência do modelo ideal e a fluidez de sua manifestação levanta uma questão fundamental: como pode uma entidade definida pela sua unidade e simultaneidade interior manifestar-se através de um meio inherentemente sucessivo e linear?

A resposta estruturalista à questão da linearidade do significante versus a simultaneidade do significado encontra sua formulação mais contundente no conceito de sistema ou estrutura, tal como concebido por Ferdinand de Saussure. Para o mestre genebrino, o valor de um signo não é intrínseco nem positivo, mas relacional e negativo, pois “na língua só existem diferenças” (Saussure, 2006 [1916], p. 166). Assim, o signo não se define em si mesmo, mas pelo que não está dentro do sistema que o sustenta. A palavra *pai*, por exemplo, só significa o que significa porque se opõe a *mãe*, *filho*, *tia* etc., no interior do sistema da família e da língua. Para ilustrar essa dinâmica, tome-se a palavra ‘rosa’. Em si mesma, sua materialidade fônica é linear: os fonemas /R/, /O/, /Z/, /A/ sucedem-se irreversivelmente no tempo. No entanto, seu significado só emerge porque, no sistema simultâneo da língua, ‘rosa’ se opõe a ‘cravo’, ‘tulipa’, ‘flor’ (no eixo paradigmático), mas também pode combinar-se linearmente com ‘vermelha’, ‘cheirosa’, ‘a’ (no eixo sintagmático), formando a cadeia ‘a rosa vermelha cheirosa’. A cada ponto da sequência linear, a totalidade do sistema de diferenças (a rede simultânea) está virtualmente presente, permitindo a construção do sentido.

Essa rede de relações é, em sua natureza, mental, atemporal e simultânea, correspondendo à língua. Já quando se fala, isto é, quando se mobiliza a fala (*parole*), realiza-se linearmente um recorte da rede simultânea. A linearidade não é, portanto, uma limitação fortuita, mas o preço da materialização: é o canal único através do qual a multidimensionalidade do sistema deve necessariamente passar. Cada enunciação é única e irrepetível, mas seu sentido só se torna inteligível porque remete a um sistema de diferenças estável e compartilhado pela comunidade linguística. Em síntese, a linearidade do significante é o veículo temporal através do qual se tem acesso à simultaneidade subjacente do sistema de significados. É precisamente nesta interface que se ergue o problema epistemológico central: como pode o pensamento, que opera de modo multidimensional e quase instantâneo, ser capturado e transmitido pela sucessão irrevogável do discurso? Esta contradição fundadora entre o plano do ser (a relação simultânea e virtual do sistema) e o plano do devir (a realização linear e atual da fala) não é um defeito, antes, é a condição de possibilidade da própria linguagem. Ela gera uma dialética produtiva na qual a estabilidade do código é incessantemente testada e renovada pelo seu uso na

temporalidade, assim como a corrente de Heráclito só pode ser reconhecida como “rio” precisamente por manter uma forma identitária apesar da perpétua mudança de suas águas.

O signo, segundo essa perspectiva saussuriana, é sempre um pacto momentâneo entre a permanência da estrutura e a fugacidade do evento. Aceitar esta tensão irresolúvel é compreender que o significado não reside inteiramente em nenhum dos lados, mas emerge do próprio movimento de tradução entre a intemporalidade do sistema e a experiência irrepetível da enunciação. Desta forma, a aparente aporia transforma-se no motor mesmo do fenômeno linguístico, obrigando a conceber a língua não como um objeto estático, mas como uma realidade dinâmica cuja existência dá-se na constante negociação entre o simultâneo e o sucessivo.

A concepção saussuriana do signo linguístico, tal como apresentada no “Curso de Linguística Geral”, encerra uma contradição interna de consideráveis implicações epistemológicas ao postular, de forma aparentemente indissociável, tanto sua natureza psíquica e simultânea quanto a linearidade material de seu significante. Se, por um lado, Saussure (2006 [1916], p. 80) define o signo como uma entidade psíquica de “duas faces simultaneamente presentes”, o significante (imagem acústica) e o significado (conceito), por outro, ele afirma de modo peremptório que “o significante, sendo de natureza auditiva, se desdobra no tempo somente [...] é um representante de uma extensão; e essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha” (Saussure, 2006 [1916], p. 81). A impossibilidade de conciliar estas duas premissas reside no fato de que a simultaneidade, enquanto condição de existência do signo em sua integralidade mental, exige uma presença integral e imediata de seus componentes, ao passo que o princípio de linearidade, por definição, implica sucessão, anterioridade e posterioridade, ou seja, uma ausência permanente de um de seus termos em relação ao outro no eixo temporal de manifestação.

Para que o significante desdobre-se no tempo, é necessária uma sequência de elementos fônicos que se sucedem uns aos outros; nesse processo, não há como a totalidade do significante, e, por consequência, a unidade completa do signo, estar presente de forma integral em qualquer instante singular da cadeia discursiva. Como

argumenta Derrida (2020, p. 65), a própria noção de “presença” é desconstruída pela linearidade, pois o signo só funciona através do rastro de uns elementos sobre os outros, em um jogo de diferenças no qual a plenitude do significado é sempre diferida. A linearidade, portanto, não é um atributo secundário, mas a condição material que impede a realização plena da simultaneidade idealizada. Logo, o signo não possui linearidade; antes, ele é atravessado por ela, sendo esse movimento que fratura a sua unidade psíquica original. Diante dessa aporia radicalizada pela leitura de Derrida, a propositura teórica do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev apresenta-se não como uma negação, mas como uma sofisticada reformulação que busca circunscrever o problema em novos termos. A suposta simultaneidade revela-se, assim, uma ilusão metafísica, um postulado necessário, porém, insustentável quando submetido à realidade temporal da linguagem, na qual o significado nunca está plenamente presente, uma vez que é sempre reconstruído a posteriori, após a passagem do significante, tal como as águas do rio de Heráclito (2020, frag. 91) que já não são as mesmas quando se tenta apreendê-las.

A investida de Derrida é, portanto, mais do que uma crítica interna; é um questionamento radical dos fundamentos metafísicos do modelo saussuriano. Ao privilegiar o rastro, a diferença e o adiamento da presença plena (*différance*), a desconstrução desafia a própria noção de um sistema fechado e estável de significados, sugerindo que a linguagem é um jogo infinito de referências onde a origem e o fim são sempre diferidos. Nesta perspectiva, a ‘simultaneidade’ do signo não é apenas fraturada pela linearidade, mas é uma ilusão necessária, um efeito de um jogo de diferenças que nunca se totaliza. Esta crítica coloca um desafio profundo não apenas a Saussure, mas ao projeto estruturalista como um todo, que opera através da noção de sistemas relacionais delimitáveis.

A contradição inerente ao modelo saussuriano entre a simultaneidade do signo e a linearidade do significante encontrou, na propositura teórica do linguista dinamarquês Louis Hjelmslev, uma solução conceptual elegante e rigorosa. Em sua obra seminal “Prolegômenos a uma teoria da linguagem”, Hjelmslev (1975 [1943]) não nega a tensão, mas opera uma distinção fundamental que a dissolve ao transpor o problema para um plano de análise distinto. Ao invés de tratar a linguagem como um bloco monolítico, Hjelmslev propõe sua divisão em dois planos, o da expressão e

o do conteúdo, cada um deles atravessado por uma nova e crucial dicotomia: a que separa a forma da substância.

Neste arcabouço teórico refinado, a simultaneidade (a relação indissociável e virtual entre significante e significado) passa a ser compreendida como um fenômeno que pertence estritamente ao domínio da forma. A forma da expressão (o sistema de sons, ou o plano do significante) e a forma do conteúdo (o sistema de conceitos, ou o plano do significado) correlacionam-se mutuamente numa relação puramente funcional e arbitrária, constituindo uma rede de valores simultâneos, tal como Saussure preconizou. É neste nível puramente relacional e abstrato que o signo existe como uma unidade completa e instantaneamente apreensível. Por outro lado, a linearidade, que em Saussure parecia um atributo do significante mental, é relegada por Hjelmslev ao domínio da substância. A sucessão temporal, a materialidade fônica ou gráfica, a sequência irrevogável de elementos: tudo isso concerne à substância da expressão, ou seja, à manifestação concreta e física da forma linguística. A substância é o meio através do qual a forma atualiza-se, mas não a define. Desta maneira, a linearidade deixa de ser uma propriedade constitutiva do signo *per se* para tornar-se uma característica de sua realização material contingente.

Assim, Hjelmslev (1975) demonstra que não há uma contradição real, mas antes uma estratificação teórica. A simultaneidade é uma propriedade do plano formal e relacional da língua, ao passo que a linearidade é uma propriedade do plano da substância fônica em que essa forma manifesta-se. O que era uma aporia insuperável no modelo saussuriano transforma-se, na teoria glossemática, em dois níveis de descrição complementares e igualmente necessários. A linguagem é, segundo essa perspectiva, uma entidade formal que, para se atualizar no mundo, deve necessariamente incorrer na substância e, com ela, na temporalidade e na sucessividade. A contribuição de Hjelmslev não supera a tensão pela sua negação, mas pela sua explicitação e pela demonstração de que ela é o produto necessário do encontro entre o sistema intemporal das formas e a realidade temporal da sua substância.

A contribuição de Umberto Eco em *A theory of semiotics* (1976) avança significativamente na discussão ao desafiar a pretensão de universalidade do

princípio da linearidade e recolocar a simultaneidade como um princípio semiótico fundamental. Eco concorda com a estratificação proposta por Hjelmslev, mas radicaliza sua consequência ao afirmar que “a linearidade é apenas uma propriedade de certas substâncias de expressão, e não um princípio universal da semiose” (Eco, 1976, p. 59, tradução nossa). Para Eco, a linearidade é uma característica accidental e contingente de sistemas de signos que se realizam em substâncias de expressão temporais (como a fala) ou espaciais unidimensionais (como a escrita alfabética). No entanto, uma vasta gama de sistemas sígnicos opera por relações de simultaneidade, nos quais os signos ou seus componentes coexistem e se relacionam em um campo perceptual multidimensional.

Mapas, pinturas, fotografias, códigos gestuais complexos ou a linguagem arquitetônica, conforme argumenta Eco (1976), apresentam seus significantes de modo sincrônico, e a apreensão de seu significado depende da leitura integrada e quase instantânea de elementos que se oferecem ao receptor em conjunto, e não em sequência. Eco (1976) recorre, por exemplo, a um mapa geográfico. Nele, os significantes (símbolos de cidades, linhas de estrada, manchas azuis para rios) não são percebidos em sequência, mas de forma integrada e simultânea. A leitura e compreensão do mapa dependem dessa apreensão sincrônica de relações espaciais coexistentes, contrastando radicalmente com a experiência linear da leitura de um romance ou da escuta de uma frase. Desta forma, a aparente contradição identificada em Saussure revela-se, na verdade, como um viés proveniente da primazia concedida à linguagem verbal em sua modalidade fonética. Ao expandir o escopo da investigação para a semiose em geral, Eco demonstra que a simultaneidade é o princípio mais abrangente e fundamental, pois a correlação entre expressão e conteúdo, o cerne da função sígnica, é em si mesma um fenômeno de natureza sincrônica, independente do canal substancial através do qual se manifesta. A linearidade, portanto, é relegada ao estatuto de uma particularidade de certos meios de expressão, e não uma condição *a priori* da linguagem. Esta visão não apenas supera a tensão do modelo clássico, como também liberta a teoria do signo de um paradigma exclusivamente linguístico, permitindo compreender a multiplicidade de formas através das quais a cultura produz e organiza o sentido.

A perspectiva do linguista francês Émile Benveniste, particularmente em seus *Problèmes de linguistique Générale* (1966; 1974), confirma e aprofunda a distinção essencial entre o plano do sistema e o plano da manifestação, porém com um deslocamento decisivo do eixo da análise. Para Benveniste, a simultaneidade não é um problema a ser resolvido, antes, é a própria condição de existência do signo enquanto “unidade psíquica de duas faces”, reforçando assim o cerne da definição saussuriana. A linearidade, por sua vez, é radicalmente circunscrita ao domínio da realização concreta, isto é, ao discurso. Em sua obra, Benveniste (1966) opera uma clara distinção entre a língua como sistema (o código de signos virtuais e simultaneamente disponíveis) e a língua em exercício (a enunciação, o discurso linear onde os signos são atualizados em sequência). Desta forma, a aparente contradição dissolve-se ao se reconhecer que são dois objetos de análise distintos: a ontologia do signo, que é sincrônica e relacional, e a sua performance, que é diacrônica e sucessiva.

Contudo, Benveniste (1974) avança além dessa distinção ao argumentar que a análise linguística deve incidir primordialmente sobre a função do signo no discurso. Este deslocamento da cadeia fônica isolada para o ato de enunciação (o processo pelo qual a língua é apropriada por um falante para produzir um enunciado) introduz uma solução pragmática para a tensão. Na enunciação, segundo o autor, a linearidade do significante não é um obstáculo, mas o meio necessário através do qual o falante mobiliza, de forma criativa e situada, o sistema de signos simultâneos. O sentido não emerge passivamente da sequência de unidades, mas é construídoativamente na interlocução, onde os signos, acionados em sucessão, remetem uns aos outros e ao contexto, reativando sua integralidade psíquica a cada momento.

Assim, Benveniste não nega a linearidade, mas a subordina à dinâmica intersubjetiva da enunciação, onde a simultaneidade do sistema é constantemente convocada e atualizada no tecido temporal do discurso. A contribuição benvenistiana consiste, portanto, em demonstrar que a relação entre simultaneidade e linearidade não é de oposição, e sim de complementaridade funcional, mediada pelo ato de falar que, ao mesmo tempo que se submete à sucessão, possui o poder de evocar a totalidade virtual da língua.

A contradição entre a simultaneidade existente entre significado e significante, no interior do signo linguístico, não é efetivamente dirimida pelas teorizações de Hjelmslev (1975), Eco (1976) e Benveniste (1966; 1974), entre outros, como é possível observar pelo recenseamento acima. Embora esses autores tenham oferecido soluções interpretativas, seja pela distinção entre forma e substância, pela ampliação do conceito de semiose ou pela análise enunciativa, tais proposições funcionam como desdobramentos críticos, não como fundamentos estruturantes. Em outras palavras, a tensão saussuriana não é eliminada, mas deslocada ou reinterpretada em novos marcos conceituais, permanecendo como eixo organizador e condição de possibilidade do próprio estruturalismo.

Nesse direcionamento, uma possível explicação para a persistência e centralidade desse fenômeno no edifício da linguística moderna reside na constatação de que apenas o significante, ou parte dele, possui materialidade sensível e, portanto, está sujeito ao princípio da linearidade formulado por Saussure. O significado, por sua natureza psíquica e imaterial, não se submete a tal regime temporal; ele se dá de modo simultâneo, na articulação sistêmica de diferenças. Assim, o signo só pode ser pensado como unidade na medida em que articula uma instância sensível, submetida ao tempo e à sucessividade, e uma instância ideal, não temporal, organizada estruturalmente.

A contradição, nesse caso, não se configura como falha conceitual, mas como expressão do próprio paradoxo constitutivo da linguagem: aquilo que é simultâneo em seu plano estrutural só pode manifestar-se de forma sucessiva em sua atualização empírica. Esse argumento assemelha-se ao de Benveniste, porém, volta-se à configuração original dando-lhe seus próprios contornos faltantes, isto é, delimita tão-somente parte do significante como integrante do princípio da simultaneidade, enquanto outra parte, sua contrapartida acústica audível é componente do princípio de linearidade. Já o significado, como elemento fundamentalmente psíquico, só pode estar juntamente do significante no quadro mental de um indivíduo. Como observa Derrida (2020), essa fissura entre presença e diferimento é constitutiva da significação, de modo que a aparente aporia saussuriana antecipa a noção de que não existe coincidência plena entre significante e significado, mas um jogo permanente de diferenças. Da mesma forma, Benveniste

(1966) já indicava que a língua, enquanto sistema, só pode ser pensada como simultaneidade relacional, mas que o discurso, enquanto realização, obedece necessariamente à linearidade da expressão.

Portanto, admitir que o signo só possui o significante como matéria sensível é reconhecer que a linearidade não decorre de uma insuficiência teórica, antes da própria natureza da linguagem como fenômeno humano, situado na fronteira entre o psíquico e o social, entre a estrutura mental e sua manifestação temporal. Essa tensão, longe de fragilizar o estruturalismo, constitui justamente sua força fundacional: o reconhecimento de que a linguagem é simultaneamente sistema e processo, estrutura e acontecimento, totalidade relacional e cadeia linear de realizações singulares.

### **Considerações finais**

O percurso analítico aqui empreendido demonstrou que a aparente contradição entre simultaneidade e linearidade, longe de ser uma falha fatal na teoria saussuriana, revelou-se o motor de sua produtividade teórica. Como se viu, a tensão foi progressivamente ressignificada: de problema insolúvel em Saussure, tornou-se uma distinção de níveis de análise em Hjelmslev, uma propriedade contingente da substância em Eco e uma complementaridade funcional mediada pela enunciação em Benveniste. Foi precisamente este estatuto paradoxal do signo que permitiu ao estruturalismo derivado do CLG operar o crucial deslocamento para outras áreas das ciências humanas, conforme exemplificado pela antropologia de Claude Lévi-Strauss e pela psicanálise de Jacques Lacan.

A mesma lógica estrutural aplica-se à análise dos mitos. A narrativa linear de um mito, e a sequência singular de eventos relatados, constitui apenas a manifestação particular de uma estrutura lógica profunda. Essa estrutura, segundo Lévi-Strauss (2008), é composta por oposições fundamentais como cru/cozido, natureza/cultura, vida/morte, que se recombinam de modos diversos em diferentes tradições. Desse modo, mitos de culturas distintas podem ser lidos como variações de um mesmo sistema estrutural, manifestações lineares de uma matriz comum.

Essa perspectiva estrutural encontrou ressonância na psicanálise de Jacques Lacan, para quem o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Os sonhos, lapsos, sintomas e formações do inconsciente correspondem a manifestações lineares e singulares, equivalentes, em analogia, à parole. Sua interpretação, contudo, só é possível à luz de uma rede subjacente de significantes que compõe a estrutura do inconsciente, tanto individual quanto cultural (Lacan, 1998). O significado de um sintoma, portanto, não se encontra nele próprio, mas em sua posição na cadeia significante do sujeito. Como observa Lacan, “o inconsciente é estruturado como uma linguagem” (Lacan, 1998, p. 26), de modo que os elementos só adquirem identidade a partir das relações que estabelecem entre si, tal como os signos na língua.

Assim, o problema da linearidade é superado no estruturalismo por meio da primazia concedida para com a relação sobre o elemento no interior de dado sistema. A identidade de qualquer termo, seja um signo linguístico, uma posição de parentesco ou um símbolo onírico, não precede suas relações: é produzida por elas. A manifestação linear não constitui ruído que corrompe a estrutura, antes, é a única via de acesso a ela. A tarefa do estruturalista, nesse sentido, é análoga à do linguista saussuriano: escutar a fala linear e irrepetível (seja um mito, um ritual, um enunciado ou um sintoma) para reconstruir o sistema simultâneo e estável que a torna possível e dotada de sentido.

É precisamente nesse gesto interpretativo que reside a grandeza do estruturalismo, derivado do sistema desenvolvido por Saussure, núcleo de muitas críticas posteriores. Ao buscar uma ordem profunda e invariante por trás do fluxo aparentemente caótico da experiência humana, o estruturalismo abriu horizontes inovadores de análise, porém, também foi acusado de reduzir a contingência histórica e a singularidade cultural a esquemas universais excessivamente rígidos (Derrida, 1967; Foucault, 2008). Tal tensão entre a busca de uma estrutura universal e o reconhecimento da historicidade e multiplicidade das práticas humanas permanece como um dos legados mais fecundos do pensamento estruturalista e, por consequência, da própria contradição entre os princípios da linearidade e da simultaneidade presentes no signo linguístico saussuriano.

## Referências

- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Tomo 1. Paris: Gallimard, 1966.
- BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. Tomo 2. Paris: Gallimard, 1974.
- DERRIDA, Jacques. **Gramatologia**. Tradução de Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- ECO, Umberto. **A theory of semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1976.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HERÁCLITO. **Fragmentos**. Tradução de Alexandre Costa. São Paulo: Edipro, 2020.
- HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. Tradução de J. Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O cru e o cozido**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

Submetido em 05 de setembro de 2025.

Aceito em 30 de outubro de 2025.